



A BRAVA SENHORA

Dona Risoleta está abatida, tensa, cansada nos últimos dias. E mesmo assim resiste. Enfrentou as últimas duas noites, em Brasília e em Belo Horizonte, ao lado do corpo do marido. Teve dois pequenos desmaios, é verdade. Mas foi forte o suficiente para conter a multidão nos jardins do Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, evocando o presidente Tancredo Neves. Superou sua própria dor e, por isso, foi ouvida com respeito por todos, que a consideram a sua dama. A dama dos brasileiros.

Ela disse que seu coração estava em pedaços e que não tinha forças suficientes para dizer uma única palavra. Não tinha mesmo — e isso era visível em seus olhos úmidos, no rosto contraído, em seu corpo frágil, vestido de negro, que apareceu na sacada do palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, quando o tumulto começou. Todos pararam para ouvir a voz da mulher que superava sua própria dor. Era dona Risoleta.

“A dama de ferro brasileira” — havia anunciado pouco antes o locutor do palácio.

E ela, abatida, tensa, cansada, subalimentada nos últimos dias, falou. Apesar de tudo, pediu para fazer isso porque, segundo disse ao governador Hélio Garcia, sabia que o povo ia ouvi-la, “como ouvia Tancredo”. Ela estava certa.

Durante cinco minutos, com voz emocionada, cortada por momentos de choro, logo contido, dona Risoleta foi tão firme quanto pôde — embora lhe fosse reconhecido que teria todo o direito de se entregar à dor e à tensão. E, por tudo isso, cerca de um milhão de pessoas, comprimidas na praça da Liberdade e nos arredores do palácio, pararam para ouvir a dama do Brasil, a sua dama.

— Mineiros. Mineiros — ela começou.

A multidão a aplaudiu, fez silêncio para assistir a uma enorme demonstração de força — uma prova a mais entre tantas que dona Risoleta ofereceu nos últimos dias, desde o domingo da morte de seu marido Tancredo Neves. O povo estava maravilhado. E prestou respeitosa atenção a cada uma de suas palavras, que acabaram evitando uma tragédia maior.

Essas demonstrações de força e firmeza foram dadas também em Brasília, quando o povo subia silencioso a rampa externa do Palácio do Planalto. As pessoas olhavam rapidamente o corpo embalsamado do presidente e saíam de cabeça baixa. Vez ou outra, alguém chorava convulsivamente ou, mesmo, desmaiava. Então, do alto da rampa interna, dominando todo o salão, essa mulher de negro levantava-se e, sem chorar, olhava para o povo; como se quisesse consolar a todos.

— Vamos descansar um pouquinho, dona Risoleta, já é muito tarde — dizia padre Dércio, confessor de Tancredo, durante a madrugada em Brasília.

— Não, padre Dércio. Vá o senhor. Esta será minha penúltima noite ao lado do Tancredo. Deixe-me ficar.

Dois desmaios

Foi assim por toda a noite e madrugada de ontem. Enquanto durou a visitação pública ao corpo do presidente Tancredo Neves, dona Risoleta Tolentino Neves, 49 anos de casada, permaneceu firme, presidindo as cerimônias fúnebres. Recolheu-se para descansar no gabinete do seu filho, Tancredo Augusto, ali mesmo no terceiro andar do Palácio, apenas às 3h30, voltando um pouco mais de duas horas depois a seu posto.

— O que está me confortando, padre, é todo o carinho desse povo. Se o povo não quisesse muito bem ao Tancredo, não teria vindo aqui. Tanta gente, passando frio a madrugada inteira, só para vê-lo pela última vez.

Em nenhum momento do velório, dona Risoleta permaneceu sozinha, ou chorou publicamente. Preferiu demonstrar ao povo tranquilidade, uma serenidade que faltou a alguns. Ora conversava com uma amiga, ora com algum parente, ora com as freiras salesianas Lília Borges e Terezinha Arruda, ora com o padre Dércio Teixeira, superior da Ordem Salesiana em Brasília, mineiro de São João del Rei. Foi com ele que a viúva conversou a maior parte da madrugada.

— O que me conforta é tanta gratidão e carinho do povo — insistiu Risoleta ao padre Dércio, e repetiu a quase todos seus interlocutores. — Estou impressionada com as manifestações. Por todo lado, é gente agradecendo, batendo palmas, jogando beijos e ofertando flores. A irmã Lília, ela contou: “As pessoas ficaram tentando unir suas mãos às minhas pelo lado de fora do vidro por todo o percurso, aqui em Brasília e em São Paulo. Eu encostava a mão no vidro em agradecimento e eles me diziam que o

Tancredo não morrera, que permaneceria no coração do povo.

Todos os amigos que se aproximavam aconselhavam, em vão, dona Risoleta a descansar um pouco. Diante da insistência da irmã Lília, ela respondeu: “Vá você, irmã. Seu rosto já está muito cansado. Eu estou muito bem. É uma das últimas noites que vou passar com Tancredo e quero ficar aqui”.

Depois que ela finalmente cedeu e foi descansar no gabinete de Tancredo Augusto, preparado especialmente para isso, o padre Dércio contou que estava profundamente impressionado com a naturalidade com que dona Risoleta aceitara a morte do marido. E revelou que ela já o chamara ao Instituto do Coração, em São Paulo, oito dias antes da morte, para que ministrasse a extrema-unção ao presidente.

Dois desmaios

Uma dama forte, que só fraquejou em dois momentos na longa vigília ao corpo do presidente, em Brasília. Sofreu dois mal-súbitos, na tarde e noite de segunda-feira, devido a pressões e cansaço, acrescidos de subalimentação dos últimos dias. O rápido diagnóstico foi feito por um dos médicos que atenderam dona Risoleta no Palácio do Planalto, quando além de admitir não ter tomado seus comprimidos antidistônicos nos últimos dias, estava sem dormir e sem se alimentar direito.

A família está preocupada. E a partir de amanhã pretende forçá-la a um repouso absoluto, segundo informou um de seus irmãos, Múcio Tolentino, prefeito de Cláudio-MG. Ele disse que em todas as “situações difíceis, de morte em sua família, dona Risoleta sempre animou a todos, demonstrando grande resistência nessas horas”, mas agora mostra-se abatida depois de uma extenuante maratona que começou na campanha eleitoral do presidente Tancredo Neves.

“Risoleta tem vivido essa maratona física e emocional que vem desde a campanha eleitoral, a disputa no Colégio Eleitoral, que passou pela viagem aos Estados Unidos, Europa e países da América Latina, e que intensificou-se na composição do governo e, depois, com a doença. E preciso preservá-la com repouso”, comentou o irmão da viúva do presidente que ontem, apesar do cansaço, ainda encontrou ânimo para discursar pedindo calma a uma multidão incontrolada que cercou o palácio da Liberdade, em Belo Horizonte.

Amigas de dona Risoleta, durante a visitação pública ao corpo do presidente, no palácio da Liberdade, procuraram poupá-la de maiores esforços. As tentativas, porém, não foram bem sucedidas, pois ela não ouviu os conselhos para se ausentar mais cedo do palácio. Terminados os funerais, hoje, ela poderá ir para a fazenda de Cláudio, que herdou da mãe dona Quita e foi reformada por Tancredo Neves. Mas poderá optar, também, por um descanso no palácio das Mangabeiras, residência oficial do governo mineiro, que Hélio Garcia sempre colocou a sua disposição.

Em Brasília, anteontem, porém, dona Risoleta nem pensava em descansar. Mesmo depois dos dois mal-súbitos limitou-se a passar algumas horas no gabinete de seu filho Tancredo Augusto, no terceiro andar do palácio do Planalto, onde dormiu sobre uma poltrona.

Mais tarde voltaria ao gabinete e não saiu do palácio ao longo de toda a noite de visitação pública, revezando-se na vigília com o neto Aécio e os filhos Tancredo Augusto, Maria Inês e Maria do Carmo. Rapidamente refeita do princípio de desmaio que a fez abandonar o cortejo e voltar ao palácio em companhia do presidente José Sarney, dona Risoleta assistiu a todas as homenagens e se recolheu ao gabinete pouco depois das 19 horas de anteontem.

Chorando

Às 21h30, voltou ao salão nobre e aproximou-se do esquife do marido, para surpresa dos presentes. Abriu a parte superior da urna, limpou o vidro que estava embaçado e impediu a visão do rosto de Tancredo, e ajeitou as flores em torno do corpo, acompanhada na tarefa pelo neto Aécio Neves da Cunha.

Dois mulheres que choravam em volta do caixão foram por ela consoladas com palavras de carinho, e as três acabaram chorando juntas. Novamente, dona Risoleta se recompôs e voltou para o mezzanino onde se sentou ao lado do fi-

lho Tancredo Augusto e permaneceu por mais uma hora, até se recolher para novo período de descanso no gabinete.

Pouco depois da meia-noite, a viúva do presidente estava de volta ao salão, dessa vez permanecendo até as 2h30 da madrugada de ontem. Conversou então durante algum tempo com a filha do senador Amaral Peixoto, Celina Moreira Franco, e depois também com a esposa do senador Milton Cabral, além de algumas freiras suas conhecidas. Depois, dona Risoleta só voltaria ao velório na manhã de ontem, para assistir à missa concelebrada por cardeais e arcebispos em memória da alma do presidente Tancredo Neves.

Não entrou em choro convulsivo, revelando controle emocional mesmo nos momentos mais tocantes da cerimônia. Ao final, para se levantar seguiu na mão da esposa do presidente Sarney, dona Marly, em busca de apoio. Recebeu abraços de todos os celebrantes e beijou as mãos dos cardeais. Foi a primeira a receber a comunhão. Ao fim da missa, dona Risoleta se retirou mais uma vez para o gabinete que lhe servia de local de repouso, para regressar ao salão nobre meia hora depois. Dessa vez para sair do palácio com o esquife do presidente Tancredo Neves, iniciando o segundo cortejo — 300 metros feitos a pé — para a Base Aérea, de onde seguiria para Belo Horizonte.

Uma mulher mineira

Nascida em Cláudio, no interior de Minas, filha de fazendeiros, Risoleta Tolentino foi criada nos padrões da família mineira, austera, rigorosa e católica. Ela se casou com o seu primeiro namorado, Tancredo Neves, na época vereador em São João del Rei. Ali, ela estudou em colégio de freiras, sem a pretensão de um dia se tornar a primeira dama do País.

Companheira de Tancredo há 49 anos, no entanto, dona Risoleta Tolentino Neves aprendeu desde cedo a compartilhar a trajetória política do marido. Discreta, essa mulher que nos últimos dias mostrou tanta fibra e coragem ao Brasil é na intimidade uma pessoa simples, que conserva as amizades antigas e, apesar de viver sempre ao lado de um homem essencialmente político, nunca deixou de ser uma dona-de-casa mineira.

“Risoleta começa a se doar pela própria família”, diz uma de suas amigas mais antigas, dona Lenilde Assis das Chagas, sua madrinha de casamento. Ela lembra que Risoleta criou seus filhos com severidade e respeito, uma verdadeira criação à mineira. Por isso mesmo, não aceitou bem o desquite de sua filha, Inês Maria, hoje casada com o banqueiro Clément de Faria.

Muito vaidosa, nunca se descuidou da aparência pessoal, nem mesmo nos momentos mais difíceis vividos por Tancredo no Instituto do Coração, em São Paulo. Aparecia vestida sempre com elegância, mas com muita discrição. Sua maneira de vestir chegou mesmo a ser copiada em Minas pelas mulheres do soquete, que, este ano, elegeram o *tailleur* a vestimenta preferida para festas e recepções (ontem, ela usava um elegante conjunto de seda preta com babados).

Mas as pessoas que convivem com essa “dama de ferro”, como ela passou a ser chamada, ontem, em Belo Horizonte, garantem que ela não gosta de festa nem de badalações: prefere uma vida simples, sem luxos nem aparatos.

Aparentemente, nunca desejou ser primeira dama do País, um contraste com o marido, que sempre perseguiu o poder. Sua madrinha, dona Lenilde, lembra que Tancredo não gostava que sua mulher se metesse em coisas de política. Mas sempre contou com ela nos bons e nos maus momentos.

A discrição, porém, nunca impediu que ela mostrasse sua disposição para o trabalho. E isso foi visto pelos mineiros durante o período em que Tancredo governou o Estado. Risoleta, como primeira dama de Minas, assumiu a direção do Servas, o órgão de assistência social do governo, promovendo ali profundas mudanças e conseguindo agradar a todos com seu estilo decidido e empreendedor.

Essa mulher que resumiu toda a esperança do povo brasileiro no domingo de Páscoa com a frase emocionada — “Tancredo, seu presidente, sobreviverá” — era a mesma que ontem, a dor estampada no rosto, pedia, controlando o choro, que a multidão se acalmasse.

De todos os lados, ela recebeu a resposta: um grande, imenso carinho do povo.